

BATICUM!

Curso avançado de português brasileiro,
língua estrangeira, a partir de textos da MPB

A photograph showing two hands holding two wooden drumsticks. The hands are positioned as if about to play. The background is a solid, light beige color. The author's name is printed in a bold, olive-green font at the bottom of the image.

Antônio R. M. Simões

Baticum is made available at no charge under a Creative Commons license by Antônio Roberto Monteiro Simões, the author and owner of its copyright. It is the result of a 1999 grant provided by the United States Department of Education under the International Research and Studies Program, when José L. Martínez was the program officer.

This textbook was originally planned as a printed book, but it is anticipated that it will be transformed over time into an internet-based course. Due to its size, this e-version has been divided into several parts, each with its own table of contents. While there is no index, the search function available with all pdf files should help you find specific items of interest.

If you have questions about concepts explained in the book, or suggestions for improvement, please feel free to contact the author at asimoes@ku.edu. He will try to answer all correspondence as quickly as possible, but take into account the high volume of internet interactions that we have nowadays.

I hope this product is helpful and enjoyable to everyone interested in Brazilian Portuguese.

Antônio Roberto Monteiro Simões
Lawrence, Kansas, December 2012



This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/> or send a letter to Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

BLOCO V.....	4
Século XIX: A chegada da família real portuguesa: os primeiros passos do Brasil como nação	4
5.1. Premeditando o breque: perguntas.....	8
sobre o texto.....	8
5.1.1. Conteúdo e vocabulário.....	8
Conhecendo um poema	11
5.2. Aquarela do Brasil – O início da formação: 1808.....	21
5.3. Compasso gramatical – As vozes: ativa, passiva e reflexiva; o pronome apassivador SE.....	22
5.3.1. A voz passiva.....	23
5.3.2. A voz passiva com <i>estar</i>	24
5.3.3. O pronome SE.....	24
5.3.4. Voz reflexiva.....	26
5.4. Entrando no ritmo – Prática com as vozes ativa, passiva e reflexiva	27
5.5. Em sintonia com a língua – Prosódia: entonação (entoação), ritmo e acento.....	31
5.5.1 Entonação ou entoação	31
5.5.2 Ritmo e acento	34
5.6. Compreensão auditiva	36
5.7. Produção oral.....	39
5.8. Produção escrita – Redação: Narração e correção de textos	39
Redação.....	41
A narração	42
Correção de textos	42

BLOCO V

Século XIX: A chegada da família real portuguesa: os primeiros passos do Brasil como nação

Esta unidade contém eventos históricos e textos que estudam o início da formação do povo brasileiro, valendo-se de certos tipos e misturas de raças presentes no Brasil, desde a chegada dos portugueses e que foram se integrando definitivamente no país, com o passar dos anos. Além de uma tentativa de se compreender quem é o brasileiro, também vemos o impacto da chegada de mais de 10.000 membros da corte portuguesa, no início do século XIX. Uma volta à prática de narração fecha este bloco.

Como sempre, já que as respostas são dadas para todas as perguntas, tanto o aluno como o professor têm apenas que tentar responder, comparar as respostas e focar em atividades que permitam maximizar o uso da língua na produção oral e principalmente escrita.

Os tópicos e questões gramaticais extraídas desse contexto são:

- **Textos:** *Lamento sertanejo*, *Casa brasileira* e *O malandro no. 2*;
- **Gramática:** As vozes: ativa, passiva e reflexiva; o pronome apassivador **se**;
- **Pronúncia:** Prosódia: entonação, ritmo e acento;
- **Prática de redação:** Narração e correção de textos.

Sugerimos cerca de 4-5 aulas de 50 minutos cada, para este bloco

Século XIX: A chegada da família real e a independência do Brasil

1807 Napoleão conquista Lisboa.

1808 Transferência do governo português para o Brasil, aliás uma idéia antiga, que se discutia desde a chegada de Cabral. Brasil deixa de ser colônia e passa a ser parte do Reino português.

Dom João VI e a família Real, forçados pela invasão de Napoleão e “protegidos” pelos ingleses, saem de Lisboa em 29 de novembro de 1807 e chegam primeiro a Salvador, 22 de janeiro, com mais de 10 mil pessoas da elite portuguesa. Em 8 de março, chegam ao Rio.

1808 Início da publicação de livros no Brasil e a Criação do Real Horto, futuro Jardim Botânico.

Abertura dos portos brasileiros – tratados econômicos importantes entre Inglaterra e Portugal estipulam condições por demais favoráveis para o comércio inglês com o Brasil, que passaria a pagar menos imposto que os produtos portugueses.

1814 Aberto ao público a Biblioteca Real, futura Biblioteca Nacional.

1815 Brasil deixa de ser colônia para ser Reino Unido. Fato importante: embora o domínio de Napoleão tenha terminado em 1815, o rei D. João VI decidiu permanecer no Rio até 1821 quando teve que regressar a Portugal devido a problemas na corte portuguesa.

1817 Movimento republicano, especialmente em Pernambuco.

1818 Criação do Museu Real (Rio) que mais tarde passa a ser o Museu Nacional.

1821 Família real volta a Portugal. D. Pedro I passa a governar o Brasil. O Uruguai é anexado ao Brasil (1821), mas em 1827, apoiado pela Argentina, vence a Guerra Cisplatina. Em 1828, tem a sua independência reconhecida, depois de negociações mediadas pela Inglaterra e Argentina.

1822 Depois que Portugal exige que o

Lamento Sertanejo, de Gilberto Gil e Dominginhos
Voz de Gilberto Gil

With permissions by Warner Chappell, Guilherme Araújo
Produções Artística, da Abramus, Dominginhos

Por ser de lá do sertão
Lá do cerrado
Lá do interior do mato
Da caatinga, do roçado
Eu quase não saio
Eu quase não tenho amigo
Eu quase que não consigo
Ficar na cidade
Sem viver contrariado
Por ser de lá
Na certa por isso mesmo
Não gosto de cama mole
Não sei comer sem torresmo
Eu quase não falo
Eu quase não sei de nada
Sou como rês desgarrada
Nessa multidão
Boiada caminhando a esmo
Le lauê lauê lauê lauê lalaiá
Lararauê lararauê lalaiá
Lauê lauê lalauê
Lauê lauê lalauê larará

Casa brasileira, Geraldo Azevedo e Renato Rocha
Voz de Geraldo Azevedo
With permissions from RCA Corporation (Sonopress)

A casa era uma casa brasileira, sim
Mangueiras no quintal e rosas no

Brasil volte a ser colônia, D. Pedro I declara a independência do Brasil (7 de setembro). José Bonifácio de Andrada e Silva, geólogo e escritor, foi a peça mais importante desse processo.

1822-1831 Império brasileiro, sob D. Pedro I, respeitado pelas realizações e inovações.

1824 25 de março: Primeira constituição brasileira – i.e. a Carta. Oligarquia pernambucana, apoiada por outros estados nordestinos se revolta contra a Carta, formando a Confederação do Equador, que visava a um Estado republicano. Líder do movimento, Frei Caneca, é executado.

1830-1930 *Ciclo do café* – Massiva imigração européia para as lavouras cafeeiras do Estado de São Paulo e para o sul do país, ainda parcamente povoado. Este foi o período de maior domínio da oligarquia dos fazendeiros cafeicultores.

População étnica: portugueses, ameríndios, negros afro-brasileiros, caboclos (branco e ameríndio), mamelucos (branco e ameríndio, caboclo e ameríndio; membro da antiga milícia turco-egípcia, formada de escravos caucasianos convertidos ao islamismo), mulatos (branco e negro) e cafuzos (negro e ameríndio).

1831-1889 Período de D. Pedro II, filho de D. Pedro I. Após a ida de D. Pedro I para Portugal para tentar reaver o trono português de seu primo D. Miguel, houve um período de regência entre 1831-1840, do qual se destacam os anos 1835-37 em que brilhou a figura do regente Feijó. As **regências** caracterizaram-se como um período de política liberal e descentralizadora, apesar dos inúmeros conflitos civis, que tiveram fim com o golpe da maioria de D. Pedro II, que assumiu o trono aos 15 anos incompletos.

1835 *Revolução Farrroupilha* no Rio Grande do Sul, talvez o movimento separatista mais importante dessa época de lutas pela independência em várias regiões brasileiras. Depois desse período, o Rio Grande do Sul continua a ser parte do território brasileiro.

jardim

A sala com o Cristo e a cristaleira
E sobre a geladeira da cozinha um
pinguim

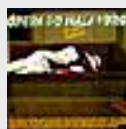
A casa era uma casa brasileira, sim
Um pouco portuguesa, um pouco
pixaim

Toalhas lá da Ilha da Madeira
E atrás da porta arruda e uma figa de
marfim

A casa era assim ou quase
A casa já não está mais lá
Está dentro de mim
Cantar me lembra o cheiro de jardim

A coisa é a coisa brasileira, sim
O jeito, a maneira, a identidade
enfim
E a televisão, essa lareira
Queimando o dia inteiro a raiz que
existe em mim

A casa era assim
Um pouco portuguesa e pixaim



O malandro nº 2

Kurt Weill - Bertolt Brecht -
versão livre de Chico Buarque/1977-
1978

Para a peça *Ópera do malandro*, de
Chico Buarque

O malandro/Tá na greta
Na sarjeta/Do país
E quem passa/Acha graça
Na desgraça/Do infeliz

1865-1870 Guerra do Paraguai – maior participação militar brasileira na história. Tríplice Aliança (Uruguai, Argentina e Brasil) contra o Paraguai de Solano López.

1888 13 de maio, abolição da escravatura. Princesa Isabel, filha de D. Pedro II, tornou-se regente enquanto D. Pedro II estava em Portugal.

1889 Fim da monarquia, criação da **Primeira República**. Golpe militar depõe D. Pedro II. Os militares deram outros cinco golpes de estado, sendo que o mais recente foi em 1964. D. Pedro II e a família real tiveram que abandonar o Brasil. Foram exilados para a França. As disputas de fronteiras foram vencidas pelo Barão de Rio Branco, estabelecendo o que é hoje o Brasil.

Nesse ano criou-se um um Estado laico. Nos últimos anos da monarquia já se observava uma perda de influência da Igreja Católica. Alguns opinam que a Primeira República representa uma separação do governo e estado, e consequentemente uma maior liberdade religiosa.

1893 *A Campanha de Canudos*, a “Nova Jerusalém”, um movimento fundado por Antônio Conselheiro em que pregava o retorno à monarquia. Antônio Conselheiro criou uma comunidade religiosa composta de famílias pobres e desacreditadas vindas principalmente da Bahia. Recusavam a modernidade européia em favor da vida rural. Foram massacrados depois de quatro ataques das tropas governamentais, em 1897.

Antônio Conselheiro acreditava que D. Sebastião, rei português que morreu em 1578 durante a Batalha de Alcácer-Quibir, voltaria ressurgindo pelo mar. Essa campanha messiânica tinha entre 5 a 30 mil seguidores que acreditavam em extraordinário poder e milagres de Antônio Conselheiro.

O malandro/Tá de coma
Hematoma/No nariz
E rasgando/Sua bunda (banda*)
Uma funda/Cicatriz

O seu rosto/Tem mais mosca
Que a birosca/Do Mané
O malandro/É um presunto
De pé junto/E com chulé

O coitado/Foi encontrado
Mais furado/Que Jesus
E do estranho/Abdômen
Desse homem/Jorra pus

O seu peito/Putrefeito
Tá com jeito/De pirão
O seu sangue/Forma lagos
E os seus bagos (cacos*)/Estão no
chão

O cadáver/Do indigente
É evidente/Que morreu
E no entanto/Ele se move
Como prova/O Galileu

*palavra que substituiu a palavra original durante a época da censura.

1977/1978 © by Cara Nova Editora Musical Ltda. Av. Rebouças, 1700 CEP 057402-200 - São Paulo - SP
Todos os direitos reservados.
Copyright Internacional Assegurado.
Impresso no Brasil



5.1. Premeditando o breque: perguntas sobre o texto



5.1.1. Conteúdo e vocabulário

Preliminares – O Brasil, no começo, era formado por povos indígenas. Em seguida vieram os portugueses e os africanos que juntos compuseram a principal mistura de raças do Brasil. Essa mistura de raças foi facilitada no Brasil, porque os portugueses vieram de Portugal já habituados ao contato e mistura com outros povos. Além disso, os portugueses vieram para Brasil sem as suas famílias.

Há quem diga que o “verdadeiro” Brasil se encontra do Rio de Janeiro para cima, porque é a região onde ainda predominam essas três misturas presentes desde o século XVI. A partir da primeira metade do século XX, indo do Rio em direção ao sul, vemos uma mistura maior de espanhóis, italianos, japoneses, alemães, latinoamericanos, entre muitos outros, que se juntaram às três raças iniciais.

A mestiçagem no Brasil foi sem dúvida diferente de outros países. Hoje se tenta institucionalizá-la como se fez nos EUA. Porém, os obstáculos culturais para se categorizar as raças no Brasil são bem difíceis de serem contornados. Basta examinarmos a variedade de termos linguísticos frequentes – calcula-se em mais de 200 –, que podem definir os diferentes resultados das misturas de raças no Brasil: mestiço, mulato, mulato claro, mulato médio, mulato escuro, cafuzo, mameluco, caboclo, sarará, pixaim, negro, branco, pardo, nisei, china, entre outros. Veja-se que alguns desses termos têm diferentes significados em português e inglês, como vemos nos casos de mestiço ou mulato. Em português, o significado mais comum de *mestiço*, por exemplo, é o de “uma pessoa que provém do cruzamento de pais de raças diferentes”. Por outro lado, em inglês, o dicionário *Webster* nos dá “uma pessoa de pais antepassados europeu e índio americano” (*a person of European and American Indian ancestry*). No caso de “mulato”, embora se origine

do termo negativo “mula”, i.e. “mistura de animais”, um brasileiro nunca irá fazer essa conexão já longínqua e esquecida, e sim entender o termo “mulato”, especialmente “mulata” dentro de uma conotação atual, positiva, no contexto cultural brasileiro.

Até o século XIX o Brasil era predominantemente negro, ameríndio e português. No século seguinte chegaram os primeiros japoneses (1908) e outras etnias, principalmente as européias. As letras selecionadas neste bloco tentam ilustrar algumas facetas dessas misturas assim como uma identidade brasileira. A primeira música fala do sertanejo, uma pessoa que vive no sertão, no interior, longe da costa. O sertanejo também é interpretado como pessoa rústica, de pouca ou nenhuma educação formal, ou mesmo como caipira. A letra de Gilberto Gil o retrata muito bem.

Uma das obras mais importantes da literatura brasileira, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, sobre a Guerra de Canudos, também retrata o sertanejo. Em certo sentido, se pode ver uma semelhança entre os hábitos do sertanejo e do caboclo, outro resultado da mestiçagem no Brasil. O caboclo, como já vimos, provém da mistura de branco e ameríndio. O sertanejo não é resultado de uma mistura e sim a pessoa que aprendeu a viver dentro dos sertões do Nordeste, uma região caracterizada pelas caatingas e secas nordestinas.

A Casa brasileira tenta caracterizar uma casa brasileira talvez em vias de desaparecimento, que muitos considerariam típica, especialmente fora das zonas urbanas e a partir do Rio de Janeiro para cima. Trata-se de uma casa simples, com varandas nas calçadas, os pés de frutas nos quintais, o pinguim de cerâmica em cima da geladeira, talvez um cuco, ou seja um relógio de parede não mencionado na letra, a moringa e a família brasileira que tem um pouco de português, mas também o negro e o ameríndio. O sentido denotativo de *pixaim* é o de “cabelo encaracolado”, porém, poderíamos considerar outras conotações que vão além do tipo de cabelo. No contexto dessa canção parece relacionar-se com a mistura de raças, especialmente o negro e o português, e prova-velmente o ameríndio.

Em relação à terceira música, embora seja um risco incluir a figura do malandro junto aos dois outros retratos do Brasil, de uma certa forma o malandro pode estar em todas as pessoas e em todas as partes do Brasil, por

uma questão de sobrevivência ante o ceticismo do brasileiro em relação às suas instituições, desde a colonização. Isso não quer dizer que o brasileiro seja uma pessoa que não gosta de trabalhar, um malandro no sentido de vagabundo. Nem tampouco que malandro seja uma mistura de raças. Trata-se de uma espécie de *sentido intuitivo de vivência* desenvolvido em um país em que as pessoas ouvem repetidamente que na vida temos que “ficar espertos” e não ser otários, não ser zé-manés.

Além dessa ideia com respeito à figura do malandro, há também outras possibilidades de interpretação que poderíamos contemplar. Embora se possa pensar em malandros em todas as camadas sociais brasileiras, é bem comum associá-lo ao contexto das favelas. Durante a colonização, os soldados que voltaram da campanha de Canudos (último evento, no início deste bloco) não receberam o que o governo lhes havia prometido quando voltassem: moradia descente. Como o governo não cumpriu a promessa, foram invadindo o Morro da Providência, no Rio, formando assim o que se considera a primeira favela do Brasil. E as favelas são tidas como um habitat comum dos malandros, aqueles que não se deixam enganar, não se deixam iludir, o contrário de otários ou zé-manés, além de outras conotações.

Isso era antes, quando o malandro era a imagem de alguém que não se deixava enganar e o termo não tinha o sentido de “bandido” como parece ter hoje em dia. O malandro hoje é outro ou outros. Há por exemplo, o “falso malandro” quando se trata do homem político ou qualquer pessoa no poder. O malandro de antigamente inspirava os compositores com imagens, que de uma certa forma eram positivas: “sou do tempo em que malandro não descia [o morro], mas a polícia também não subia”. Curiosamente, como se viu acima, o contrário de malandro, especialmente no Rio, é “mané” ou “zé-mané”, que alguns etimólogos chegaram a sugerir tratar-se de uma palavra de origem tupi. Na realidade, a solução parece ser mais simples, porque o brasileiro abrevia a palavra Manuel como Mané. Obviamente, assim como as piadas de portugueses dão uma imagem negativa de Portugal, essa palavra também sugere outra visão negativa de portugueses. Manuel é um dos nomes mais comuns de Portugal, ao lado de Joaquim.

A imagem positiva do malandro era a de uma espécie de Robin Hood sobrevivendo em condições desfavoráveis. Assim, dependendo do nosso

ponto de vista, o malandro pode ser entendido de diferentes maneiras. Entre algumas possibilidades, temos a imagem romântica, que hoje é menos comum, do brasileiro esperto, quase heróico, ou pelo contrário, um vagabundo que vive às custas da mulher. A letra de *O malandro no. 2* fala desse tipo brasileiro que apesar de “heróico” perdeu na luta contra o sistema. Chico Buarque tem outra música com o mesmo nome, *O malandro*, que é anterior a esta que apresentamos aqui, com outra visão do malandro, aquele que ainda driblava a autoridade. A versão anterior do malandro pode ser acessada no site oficial de Chico Buarque, na internet: <http://www.chicobuarque.com.br>.

Conhecendo um poema

Um poema geralmente é constituído de versos e estrofes, possui uma linguagem de ritmo especial e pode criar diversas interpretações em diferentes contextos e épocas, pois um poema lido hoje, amanhã poderá ter outra conotação.

Versos: cada linha do poema;

Estrofes: conjunto de versos;

Rimas: som igual ou parecido entre palavras, em geral colocadas no final dos versos.

Casa brasileira

1. Identifique quantos versos e quantas estrofes existem na música *Casa brasileira*.
2. Copie do texto algumas palavras que possuem rimas.
3. Há alguma imagem que chama a atenção nessa letra?

Entendendo o texto

4. Quem são os compositores de *Casa Brasileira*? Onde nasceram? Que atividades faziam?
5. Esta música foi composta em que ano? Qual era o presidente do Brasil nessa época?
6. A música também dá ideia de família, lembranças, passado? Que palavras ou expressões da música confirmam esta ideia?

7. As crenças e superstições também estão presentes nesta música. Faça uma breve pesquisa e responda quais palavras ou expressões confirmam estas crenças?

8. O que retrata a música *Casa Brasileira*?

Respostas – pixaim: diz-se do cabelo encarapinhado, enrolado, b) arruda (ing. *rue*, uma herva): nome comum a várias plantas rutáceas (e.g. limoeira, laranjeira e outras plantas cítricas que dão flores aromáticas e medicinais). A arruda está associada a superstições de proteção contra doenças, boa sorte, entre outras. c) figa: pequeno amuleto, em forma de mão fechada, com o polegar entre os dedos indicador e médio, d) marfim: 1.dentes do elefante, 2.substância óssea que constitui os dentes dos mamíferos; 1. 18 versos e 5 estrofes; 2. Sim, jardim, pinguim, pixaim, marfim, enfim, mim, assim são palavras terminadas em ‘im’; 3. A comparação feita entre a televisão como uma lareira (veja a discussão sobre metáfora na seção sobre redação, no final deste bloco); 4. Geraldo Azevedo nasceu em Petrolina - PE, Brasil no dia 11 de janeiro de 1945. A internet tem vasto material sobre ele. Está entre os principais compositores e cantores vindos do Nordeste do Brasil, tais como Alceu Valença e Elba Ramalho e Zé Ramalho. Ele é compositor, cantor e violonista. Renato Rocha (Billy ou Negrete) nasceu em 27 de maio de 1961 e viveu sua adolescência em Brasília. Antes de entrar para a Legião, fazia parte da gangue dos Carecas. Deixou a Legião em 1989. 5. Em 1989; o presidente da República era José Sarney e o Brasil estava nos primeiros anos democráticos após o período militar. 6. A música traz a lembrança da infância, um tempo que já passou mas que foi muito bom. Alguns verbos utilizados no passado confirmam que tudo já aconteceu: “a casa era uma casa brasileira, sim”, “cantar me lembra o cheiro do jardim”, “a casa já não está mais lá, está dentro de mim”. 7. O Brasil possui diversas religiões. No entanto podemos verificar que se trata de um povo mesclado e místico que acredita em amuletos e superstições. Palavras que confirmam isto são: cristo, arruda e figa. 8. Retrata uma casa que deveria conter os elementos culturais e físicos comuns aos brasileiros. Fala da experiência do passado do compositor e que lhe traz saudade, porque era um tempo onde tudo parecia mais simples.

1) Quando o autor diz “E a televisão, essa lareira queimando o dia inteiro a raiz que existe em mim”, ele se refere a que:

- a) A televisão permite que a cultura seja preservada
- b) Os brasileiros utilizam a televisão como lareira
- c) A televisão faz com que a cultura brasileira seja substituída por uma cultura globalizada
- d) O brasileiro gosta de ficar perto da lareira assistindo à televisão

2) Pixaim é uma palavra de origem tupi (tupi, *apixaim*) usada para designar o cabelo encaracolado, semelhante ao cabelo dos negros. “A casa era um pouco portuguesa e um pouco pixaim” diz respeito:

- a) às construções no Brasil de estilos português e negro

- b) aos brasileiros e provém de uma mistura de portugueses e negros
- c) às casas brasileiras que são habitadas por negros e portugueses
- d) ao tipo de casa que pertencia a dois donos: um português e um negro

3) No Brasil, é comum colocar um pinguim em cima da geladeira. Observe as frases abaixo e sinalize aquela que melhor se encaixa a essa imagem.

- a) O pinguim está sob a geladeira
- b) O pinguim está na geladeira
- c) O pinguim está sobre a geladeira
- d) O pinguim está acima da geladeira

4) A arruda e a figa fazem parte das inúmeras superstições da cultura brasileira. Tanto uma como a outra são utilizadas para

- a) dar boa sorte
- b) vingar-se das pessoas que nos traíram.
- c) fazer chás e outras bebidas em rituais religiosos.
- d) aumentar os prazeres sexuais.

5) É muito comum encontrar a mangueira (árvore que dá o fruto chamado manga) nos quintais das casas. Marque a oração correta:

- a) Deus queira que as mangueiras dão fruto este ano
- b) Deus queira que as mangueiras derem fruto este ano
- c) Deus queira que as mangueiras deem fruto este ano
- d) Deus queira que as mangueiras dassem fruto este ano

6) Observe o diálogo

- Oi Carlos, tudo bem?
- Tudo. E você, onde está indo?
- Vou colher umas rosas. Quando _____ terá uma surpresa!
- Espero que ela goste da surpresa

Agora assinale a frase que melhor completa a oração:

- a) Quando minha namorada chegou, terá uma surpresa
- b) Quando minha namorada cheguei, terá uma surpresa
- c) Quando minha namorada chegará, terá uma surpresa
- d) Quando minha namorada chegar, terá uma surpresa

7) Marque a opção em que a oração está na voz passiva (se for preciso, consulte mais adiante neste bloco, sobre a voz passiva):

- a) Brincávamos no jardim
- b) Todos nós temos uma figa
- c) As rosas eram cheiradas pelas crianças
- d) Escolheu a melhor rosa do quintal

8) Assinale a frase correta:

- a) Convidei ele para minha casa
- b) Receberam nós com atenção
- c) Convidaram-me para colher rosas
- d) Chamaram ela para conversar

Respostas – 1) c; 2) b; 3) c; 4) a; 5) c; 6) d; 7) c; 8) c.

Lamento sertanejo

Se você ainda não conhece os compositores dessas músicas, busque saber quem são pela internet ou outras fontes. Busque também informar-se sobre os sertões, sobre as secas nordestinas, a caatinga e outros temas em relação com as tres músicas aqui apresentadas.

As perguntas abaixo já responde a algumas perguntas sobre esses temas e os compositores, mas você pode conseguir ainda mais informação.

Una os números e as letras e descubra um pouco sobre a história de Dominginhos, um dos compositores de *Lamento sertanejo*, e que está na foto,



1. Era um menino precoce ()
2. Na década de 50 foi morar no Rio de Janeiro, ()
3. destacou-se no show de Luiz Gonzaga, no início dos anos 70, ()
4. Fez várias composições ()
5. Participou de vários espetáculos de cantores famosos da música Popular Brasileira, ()

Foto de Dominginhos: www.radiobras.gov.br/cultura/Dominginhos

- a. como Gilberto Gil, Gal Costa, Caetano Veloso e Maria Bethânia.
- b. e aos seis anos de idade já tocava sanfona de oito baixos nas feiras de sua cidade natal.
- c. que o levou a fazer apresentação em Cannes, na França.
- d. onde gravou oito LPs.
- e. e seu maior sucesso foi *Eu só quero um xodó*.

Respostas – 1b 2d 3c 4e 5a (todas as respostas se referem a Dominginhos, na foto)

1) O sertão é uma região pouco povoada do interior do Brasil, em particular nas zonas semi-áridas da região Nordeste do país. O que os autores quis dizer com essa música?

- a) Os moradores do sertão não conseguem se acostumar com a vida na cidade
- b) O sertanejo não gosta de morar no sertão
- c) O sertanejo não gosta de fazer amigos, pois é tímido
- d) As pessoas da cidade não estão acostumadas com pessoas do interior

2) *Sou como rês desgarrada*. O que significa a palavra **rês**?

- a) ovelha
- b) cabrito
- c) boi
- d) bode

3) Os autores dizem que os moradores da cidade são como “*boiada caminbando a esmo*”. O que eles queriam dizer com isso?

- a) As pessoas da cidade andam juntas, parecendo uma boiada.
- b) Os bois andam junto com as pessoas.
- c) As pessoas da cidade andam sem objetivo, como uma boiada perdida.
- d) As pessoas da cidade são como os bois: andam todos no mesmo ritmo.

4) Cerca de 85% do território do Estado da Paraíba é ocupado pelo sertão. É também onde se registram as maiores temperaturas do Nordeste. Por ser uma das regiões mais pobres do país e do mundo, enfrenta um grave problema: a formação da chamada “indústria da seca”, na qual as elites captam recursos do governo federal para abrir açudes em propriedades particulares, agravando ainda mais a pobreza da região. Isso faz com que o sertanejo acabe migrando para a região sul do país. Infelizmente lá, ele se depara com a triste realidade das grandes cidades, que é o desemprego. De acordo com o texto acima, responda:

- A) “Cerca de 85% do território do Estado da Paraíba...” A expressão **cerca de** pode ser substituída por qual expressão?
 - a) Mais de
 - b) Aproximadamente

- c) Menos de
- d) Quase

B) Qual das palavras abaixo não substitui, de maneira alguma, a palavra “sertanejo”?

- a) roceiro
- b) agreste
- c) rural
- d) urbano

5) Complete a frase usando os tres verbos do glossário na forma correta:



encher, ficar, esvaziar, tornar-se, haver, secar

Quando _____ períodos em que a seca é prolongada, é comum que os rios _____ secos a tal ponto que seu leito _____ visível, conforme vemos na foto ao lado.

6) O sopro do vento sul, para os sertanejos, é como se fosse uma carta, anunciando a chegada da seca. Esse vento, é chamado de carta-da-seca. Quando ocorre a seca é habitualmente chamado período de _____.

- a) estiagem
- b) secagem
- c) frio
- d) secura

7) Marque a alternativa em que o advérbio grifado não corresponde à relação colocada entre parênteses

- a) Os sertanejos, antigamente, eram transportados para o sul em caminhões chamados paus-de-arara (tempo)
- b) Pau-de-arara era o nome dado ao caminhão que levava os sertanejos para longe (lugar)
- c) A situação do sertanejo é bastante desconfortável (modo)
- d) A vida do sertanejo é muito sofrida (intensidade)

8) Complete as frases:

Que neste ano _____ (haver) chuva no sertão

Se _____ (haver) chuvas no próximo mês, serei a pessoa mais feliz do planeta!

Quando eu _____ (fazer) a previsão do tempo, você verá como estou certo.

9) Qual o nome que se dá ao sertanejo que deixa o sertão para procurar melhores condições de vida no sul do país?

- a) exilado
- b) retirante
- c) foragido
- d) imigrante

Respostas – Respostas – 1) a; 2) c; 3) c; 4) A b; B d; 5) há, fiquem, se torna; 6) a) 7) c); 8) Que neste ano haja; Se houver chuvas; Quando eu fizer a previsão; 9) b) Retirante

O malandro no. 2

Talvez Chico Buarque de Hollanda seja o mais admirado dos compositores brasileiros. A música *O malandro no. 2*, é uma das duas músicas com este mesmo nome, escrita para uma peça de teatro, do próprio Chico Buarque, *Ópera de malandro*. Esta peça teatral foi concluída em 1978. As duas músicas foram escritas nesse período, entre 1977 e 1978, ainda a época do controle militar no Brasil. A letra que apresentamos é a letra original, porém com algumas palavras entre parênteses, que foram as palavras que o compositor teve que usar para que a peça e a música pudessem ir a público.

A primeira música que não apresentamos aqui é mais amena, mais divertida ainda que apresente a situação das massas populares brasileiras que têm que lutar um contra o outro (o pequeno patrão contra o empregado) por culpa da elite brasileira. Mesmo assim, o empregado se for esperto, se for astuto, i.e. se for malandro consegue sobreviver.

A segunda, apresentada aqui, é de uma violência chocante, porém reflete o Brasil contemporâneo em certas áreas urbanas. Se o professor e os alunos não se sentirem cómodos com a letra, pode-se concluir este bloco sem dedicar muito tempo a essa letra ou simplesmente saltá-la. A ideia de incluir

aqui esta letra não é de chocar mas sim de retratar uma imagem de violência urbana de outras épocas, com um vocabulário que também reflete os sentimentos daquele momento, mas que ainda faz parte da realidade do Brasil de hoje. A peça mesma retrata o contexto dos anos 40.

A música termina de com uma mistura de ironia, sarcasmo e humor negro, parafraseando uma frase atribuída a Galileo Galilei (1564-1642), comentada logo abaixo: *Eppur* (ou *E pur*), *si muove!*, i.e. “E no entanto, ela se move!”.

Quais são os sinônimos de “E no entanto”?

- a) E portanto
- b) E mesmo assim
- c) E apesar de tudo
- d) E conseqüentemente

Respostas: b) e c)

Várias interpretações poderiam ser dadas a esse final, o qual reutiliza a censura da Igreja Católica, na época de Galileu. A Inquisição católica defendia a teoria de que a Terra era o centro de um sistema geocêntrico, viz. tudo girava em torno da Terra que se mantinha em repouso, imóvel. A Inquisição católica forçou Galileu a mudar o seu ponto de vista “herético” que dizia estarmos em um sistema heliocêntrico, viz. o sol era o centro. Galileu, foi obrigado a rever a sua posição. Mesmo assim, segundo a lenda, ao sair do tribunal, teria murmurado: *E no entanto, ela se move*.

Tendo reutilizado essas ideias, Chico Buarque estaria ironizando as autoridades brasileiras que buscam eliminar o malandro e promover uma sociedade de otários. Matam-no, censuram-no, exigem a sua eliminação, a sua marginalização e no entanto o malandro ou a sua imagem sobrevive, se move. Esse último verso vai ainda mais longe, porque estabelece um paralelo entre o período militar e o período da Inquisição.

Segundo o próprio Chico Buarque (1978): “o texto da *Ópera do malandro* é baseado na *Ópera dos mendigos* (1728), de John Gay, e na *Ópera de três vinténs* (1928), de Bertolt Brecht e Kurt Weill. O trabalho partiu de uma análise dessas duas peças conduzida por Luís Antônio Martínez Corrêa e que contou

com a colaboração de Maurício Sette, Marieta Severo, Rita Murtinho e Carlos Gregório.

A equipe também cooperou na realização do texto final através de leituras, críticas e sugestões. Nessa etapa do trabalho, muito nos valeram os filmes *Ópera de três vinténs*, de Pabst, e *Getúlio Vargas*, de Ana Carolina, os estudos de Bernard Dort *O teatro e sua realidade*, as memórias de Madame Satã, bem como a amizade e o testemunho de Grande Otelo. Contamos ainda com o professor Manuel Maurício de Albuquerque para uma melhor percepção dos diferentes momentos históricos em que se passam as três óperas”.

Exercício de fixação – Voltemos a analisar os versos da música “O Malandro n. 2”. Se quiser, volte a escutar a música. Preste atenção aos seguintes versos:

“O cadáver, do indigente
É evidente, que morreu
E no entanto, ele se move
Como prova, o Galileu”

1. Dependendo da situação, outras conjunções podem substituir “no entanto”. Qual das situações abaixo a expressão **NÃO** substitui “no entanto” adequadamente?

- | | |
|--|--|
| a. () “O cadáver, do indigente
É evidente, que morreu
<i>Porém</i> , ele se move
Como prova, o Galileu” | b. () “O cadáver, do indigente
É evidente, que morreu
<i>Mas só que</i> , ele se move
Como prova, o Galileu” |
| c. () “O cadáver, do indigente
É evidente, que morreu
<i>Entretanto</i> , ele se move
Como prova, o Galileu” | d. () “O cadáver, do indigente
É evidente, que morreu
<i>Por isso</i> , ele se move
Como prova, o Galileu” |

2. Que tipo de ideia é transmitida pelas expressões “no entanto”, “porém”, “entretanto”, “mas (só que)”?

- a. () conclusão
- b. () consequência
- c. () contraste, desacordo com a ideia anterior
- d. () impedimento

3. Você conhece outras palavras em português que também poderiam substituir “no entanto” nos versos da canção de Chico Buarque?

4. Por que a idéia expressa nos versos que antecedem a *no entanto, ele se move* **contrasta** com o que está expresso nesta última frase?

5. Conecte as seguintes frases de modos que elas façam o sentido:

- | | | |
|--|-----|--|
| 1. Embora esteja muito cansado, | () | portanto peça desculpas. |
| 2. Vou ficar em casa neste fim-de-semana | () | mas não posso porque estou de dieta. |
| 3. Vou correr a maratona no mês que vem, | () | porque tenho uma prova final 2 ^a . feira. |
| 4. Quero comer lasanha | () | por isso estou treinando todos os dias. |
| 5. Você agiu erradamente, | () | quero malhar hoje de noite. |

6. Usando “porém, mas, entretanto” (note que estas palavras são equivalentes), “por isso”, “porque”, “portanto”, tente completar as sentenças abaixo seguindo o exemplo:

Exemplo: Vou para o trabalho de ônibus hoje (meu carro está quebrado)
Vou para o trabalho de ônibus hoje, porque meu carro está quebrado.

- Quando eu saí de casa estava chovendo (trouxe o guarda-chuva)
- Adoro tomar vinho (não posso! Tenho pressão alta)
- Quero ficar tão forte quanto o Hulk (estou malhando seis horas por dia!)
- Não quero comprar uma casa aqui (estou de mudança no final do ano)
- Vou viajar na sexta-feira (no sábado à/de noite já tenho que estar de volta)

Respostas – 1. d (Por isso); 2. c; 3. contudo, todavia, apesar disso, mesmo assim; 4. A ideia de morte, o cadáver ‘contrasta’ com a ideia de movimento. 5. (5) portanto peça desculpas, (4) mas não posso porque estou de dieta, (2) porque tenho uma prova final segunda-feira, (3) por isso estou treinando todos os dias, (1) quero malhar hoje de noite; 6. a. Quando saí de casa estava chovendo, por isso trouxe o guarda-chuva, b. Adoro tomar vinho, mas/ no entanto/ porém/ não posso: Tenho pressão alta! c. Quero ficar tão forte quanto o Hulk, por isso estou malhando seis horas por dia!, d. Não quero comprar uma casa aqui, porque estou de mudança no final do ano, d. Vou viajar na sexta-feira, mas/ no entanto/ porém no sábado à noite já tenho que estar de volta.

5.2. Aquarela do Brasil – O início da formação: 1808

A afirmação do Brasil como país se deu com a chegada da família real portuguesa, no século XIX. Tudo parecia conspirar para a formação de um povo brasileiro, tanto os eventos positivos como os negativos: a expansão e queda de Napoleão Bonaparte, chegada da corte real portuguesa, a saída dos portugueses deixando o povo *a ver navios*, a saída de D. Pedro I, a longa presença do seu filho como monarca, D. Pedro II. Tudo conspirava pela formação de um novo país, mesmo o conflito entre os jesuítas devido ao trabalho com os índios e a coroa portuguesa. “Conspirar” é uma palavra excelente para ajudar a compreender o que atravessou e está atravessando o Brasil, tanto pela pressão natural do contexto do século XIX, como também pelo lado negativo das conspirações dos golpes de estado dos militares.

No Brasil, se diz que há males que vêm para o bem ou ainda, “aqui ‘tá ruim, mas ‘tá bom”. Em 1889, D. Pedro II foi deposto por um dos vários golpes de estado no Brasil. Fala-se muito de revoluções no Brasil, porém na realidade, nunca houve revoluções no Brasil. Uma revolução resulta de uma mudança de poder em sentido vertical, como teria dito Eduardo Galeano. No Brasil, as mudanças, as trocas de poder, foram essencialmente horizontais, *viz.* entre oligarquias ou grupos militares e políticos, sempre dentro da mesma dentro das mesmas camadas elitistas.

De todas formas, a história conspirava em favor do Brasil. Assim, no final de 1807, Napoleão invadia Lisboa, D. João VI e a corte portuguesa abandonavam Portugal em direção ao Brasil, para criar um novo império a ser sediado no Rio de Janeiro. A corte real chegou primeiro a Salvador, na primeira metade de janeiro do novo ano, mas em 8 de março, chegava ao Rio. A vinda de D. João VI e a família real portuguesa deu início a um século de profundas transformações no Brasil. A chegada de mais de 10 mil nobres da corte portuguesa fez do Rio, em poucos anos, o centro cultural do Brasil, uma condição que até hoje o privilegia.

Dom Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Bragança e Borbón, viz. D. Pedro II, foi talvez uma das melhores heranças de Portugal para o Brasil. Tivemos em D. Pedro II um liberal apaixonado pelo conhecimento,

conhecedor e estudioso de várias línguas inclusive o Tupi-Guarani, sempre lutou a favor do ensino, da ciência e tecnologia. D. Pedro II viajou aos EUA em 1876 para visitar a Philadelphia Centennial Exposition, junto ao Presidente Ulysses Grant. Nessa época conheceu Alexander Graham Bell e foi o primeiro investidor a comprar ações (ing. *stocks*) da Bell Telephone Company. Um dos primeiros telefones residenciais da Bell foi instalado na sua casa, em Petrópolis.

Depois da derrota dos confederados – sulistas americanos proescravidão –, D. Pedro II dispôs-se a recebê-los se quisessem se estabelecer no Brasil. Como resultado, muitas famílias foram para São Paulo e lá fundaram a cidade de Americana. Embora a maioria dessas famílias tivesse regressado aos EUA, algumas ficaram e continuaram o desenvolvimento da cidade que hoje é uma cidade comum, em São Paulo, mas que ainda tem descendentes dessa época, com seus sobrenomes originais.

D. Pedro II era descendente da mais alta nobreza européia, a dinastia Bragança que incluía Luis XIV da França e Carlos V, imperador do Sacro Império Romano, entre muitos outros. Seu pai, D. Pedro I, declarou a independência do Brasil no dia 7 de setembro de 1822, mas teve que deixar o Brasil em 1831. D. Pedro II, nessa época estava com cinco anos de idade e assumiu o trono do Império do Brasil, o Reino Unido, tendo ao seu lado um triunvirato que o ajudou a governar o Brasil até a sua maioridade, 18 anos, o que se deu em 1843.

Deposto pelo golpe militar de 1889, saiu com dignidade e passou seus últimos dias na França. Morreu em Paris, em 1891, com um enterro de honra, cuidado pelo governo francês. Seu corpo foi enviado a Lisboa junto a sua família, mas em 1921, seus restos mortais vieram para o Brasil e em 1939 foram reenterrados em Petrópolis, nome que significa “cidade de Pedro”, cidade que ele amava e que agora o guarda para sempre.

5.3. Compasso gramatical – As vozes: ativa, passiva e reflexiva; o pronome apassivador SE

A situação verbal pode ser expressada de três formas:

voz ativa – o sujeito é o *agente* ou seja *pratica* aquilo que é expressado pelo verbo.

- a. Os pais amam os filhos.
- b. O navegador viu o perigo.

voz passiva – o sujeito é o *recipiente* ou então é *alcançado* ou *captado* por aquilo que é expressado pelo verbo.

- c. Os filhos são amados pelos pais.
- d. O perigo foi visto pelo navegador.
- e. Se amam os filhos. (se *apassivadora*, equivalente a **c.**)
- f. Se viu o perigo. (se *apassivadora*, equivalente a **d.**)

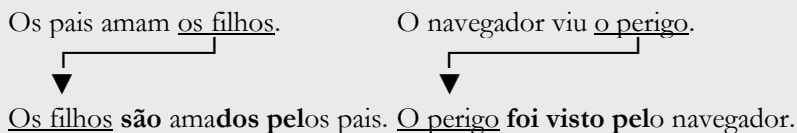
voz reflexiva – o sujeito *pratica* e *recebe* o fato expressado pelo verbo.

- g. Os pais se amam.
- h. O navegador se viu nas águas do mar.
Também, O navegador viu-se nas águas do mar.
- i. Esse coronel se permite tudo, porque se acha o dono do mundo.

Nos exemplos anteriores, os **objeto diretos** da ativas **a.** e **b.** (**os filhos, o perigo**) correspondem ao **sujeitos** das **passivas** em **c.** e **d.** Na **voz reflexiva**, o **objeto direto** (se em **g.** e **h.**) e **indireto** (os dois **ses** em **i.**) é a mesma pessoa do sujeito.

5.3.1. A voz passiva

A voz passiva pode ser melhor entendida se a comparamos com a **voz ativa**. A voz passiva tipicamente se faz desta forma, com todos os elementos explícitos na oração:



Normalmente, se usa a voz passiva com verbos de objetos diretos, como se vê nos exemplos no quadro acima, *amar* e *ver*. É comum o uso de passiva sem o agente explícito:

Os filhos **são** sempre **amados**.
 O perigo já **foi visto**, podem ficar tranquilos
 Mama África **era** muito **querida**. Todos aqui gostavam dela.
 Pode continuar, acho que isso já **foi visto**.
 Então ele **era** mesmo **temido**? Que coisa, né mesmo?

5.3.2. A voz passiva com *estar*

Há também outro tipo de voz passiva, com o verbo **estar** que na realidade expressa o **resultado** de uma série de eventos ou situações verbais, anteriores à ação verbal expressada na oração. Veja esta oração:

A carta está escrita.

Nesta oração, se pode imaginar que uma carta foi escrita como resultado de outros eventos anteriores. Por exemplo, o rei pediu-lhe a Caminha que escrevesse uma carta sobre a viagem ao Brasil. Caminha escreveu a carta. Agora **a carta está escrita**. Esse tipo de construção tipo-passiva pode também ser considerada como uma oração de **condição resultante** ou como se vê tradicionalmente nas gramáticas, representa um estado.

5.3.3. O pronome SE

O pronome **se** tem várias em português, tais como **pronome apassivador**, **índice de indeterminação do sujeito** e **pronome reflexivo**.

Pronome apassivador – Liga-se a verbos transitivos e o verbo concorda com o sujeito:

Vendem-se limões.

(Veja que a passiva equivalente estaria no plural:
 Os limões são vendidos somente pelo pastor)

Abrem-se os portões do céu.

(Equivalente a Os portões do céu são abertos por ele.)

Índice de indeterminação do sujeito – Essas construções **não são passivas** e requerem verbos **intransitivos** e **transitivos indiretos**. Conjugam-se o verbo na **3ª. pessoa do singular**:

Precisa-se de empacotadeiras.
(Não é possível *As empacotadeiras são precisadas.)

Precisa-se de paz.
(*A paz é precisada)

Aqui se trabalha muito.
(*Aqui é muito trabalhado)

A pronome **se** quando funciona como pronome apassivador ou indeterminado como nos dois casos acima, confunde o brasileiro em geral que costuma considerá-lo inconscientemente como um sujeito indeterminado de terceira pessoa. Por isso, nas ruas, no dia-a-dia, está bastante enraizado no Brasil o uso dessas construções na terceira pessoa do singular:

Vende-se limões.
Aluga-se apartamentos.

Devido a essas construções serem de uso tão comum e a língua ser um organismo vivo, dinâmico, deve-se aceitar esse uso como se fosse uma inovação ou evolução da língua. Este curso prefere deixar essa decisão a critério de quem escreve, de acordo com as preferências estilísticas de cada um. Se concordarmos com essa flexibilidade, haveria as duas opções, uma no plural, defendida por todas as gramáticas normativas e outra no singular, aceita por um certo número de linguistas.

As vozes passivas com o verbo *ser, estar* e o *pronome apassivador se* são de uso comum em português e servem para dar diferentes graus de objetividade à língua escrita e por isso de uso corrente em textos formais. A preferência dessas vozes depende do objetivo de quem escreve, porque são vozes que nos permitem marginalizar ou esconder o agente ou ator da oração. Com o verbo *ser marginalizamos o ator* ou *sujeito*; com o verbo estar ou o pronome apassivador se nós o escondemos.

5.3.4. Voz reflexiva

Na maioria das vezes, a voz reflexiva pode ser imaginada como um espelho, como se o objeto fosse o reflexo do sujeito, embora nem sempre esta ideia seja transparente:

Ela **se olhava** no espelho.

Eu **me olho** no espelho.

Seus filhos **se olodunzam**.

Mama África vai e vem, mas não **se afasta** de você.

Ou então, de maneira menos transparente:

Ajoelhou-se, tem que rezar.

Por sinal, é mais comum não usar o pronome, nesta oração:

Ajoelhou, tem que rezar.

Pronomes recíprocos – Quando as formas reflexivas aparecem no plural, podem também ser **recíprocos**. Nesse caso, para evitar a ambiguidade, acrescentamos elementos que marcam expressamente essa reciprocidade:

a **reflexividade**: a si mesmos

a **reciprocidade**: um ao outro, uns aos outros, entre si, mutuamente, reciprocamente

Não se amavam um ao outro, mas a si mesmos.

As duas candidatas se odiavam mutuamente.

A voz reflexiva se faz com verbos que normalmente são reflexivos (queixar-se, referir-se, suicidar-se, e outros), com a maioria dos verbos transitivos diretos (lavar, encontrar, perder e outros) assim como os transitivos com objetos indiretos que permitem a voz reflexiva (dar, enviar, dizer e outros)



5.4. Entrando no ritmo – Prática com as vozes ativa, passiva e reflexiva

Exercício-1 – Procure todos os pronomes complemento nas orações abaixo, e escreva o tipo de pronome: não-reflexivo direto, indireto; reflexivo direto, indireto; apassivador; e índice de indeterminação do sujeito.

Note que não há nenhum uso dos pronomes-vogais (o, a, os, as)

- (a) As horas não se contavam
E o que era negro anoiteceu
Enquanto se esperava (San Vicente, Milton Nascimento e Fernando Brandt)

- (b) Vem comer, me jantar
Sarapatel, caruru, tucupí, tacacá
Vê se me usa
Me abusa, lambuza
Que a tua cafuza
Não pode esperar
Vê se me esgota
Me bota na mesa

Me deixa ser teu escracho (Não existe pecado, Chico Buarque)

- (c) E a cruz ao alto diz que o que me há na alma (III. Padrão, Fernando Pessoa)

- (d) Foi-se a última nau, ao sol aziago (XI. A última nau, Fernando Pessoa)

- (e) Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta (XI. A última nau, Fernando Pessoa)

Exercício-2 – A música *Pela internet* (1996) de Gilberto Gil, que aparece no próximo bloco, usa o pronome apassivador, como por exemplo em:

“Com quantos gigabytes / *Se* faz uma jangada (...)”

Sabemos que é uma construção tipo passiva, e que também requer concordância. Compare: *Se faz**em** duas jangadas*), porque podemos obter a construção equivalente: *Uma jangada é feita com muitos gigabytes, Duas jangadas são feitas com muitos gigabytes*).

Podemos identificar esse tipo de construção com **se** como **se apassivador** ou ainda chamá-la de voz passiva sintética, em oposição à voz passiva analítica que é aquela formada com **ser**, o **particípio passado do verbo principal** e, facultativamente, com a preposição **por** e o **agente**.

Exemplo:

Com quantos gigabytes *se faz* uma jangada. (sintética)

Uma jangada *é feita* com dezenas de gigabytes (analítica, sem o agente)

Note que esse tipo simplificado de voz passiva é formado pelo pronome *se*, mais a terceira pessoa do singular ou do plural do verbo. Note também que o verbo concorda com o sujeito paciente.

A - Reescreva as orações usando a voz passiva com **se**:

Dica: Comece as orações com o verbo. Embora as gramáticas não gostem, no Brasil também se admite começar a oração com o pronome “se”.

Ex: Uma jangada é feita com muitos gigabytes. (passiva analítica)

Faz-se uma jangada com muitos gigabytes ou

Se faz uma jangada com muitos gigabytes (passiva sintética)

- a. Os camarões são pescados ao anoitecer.
- b. Os camarões são vendidos rapidamente.
- c. Muitos negócios são feitos na internet.
- d. Hoje em dia muita coisa é comprada na Internet.
- e. A internet é muito usada para fazer pesquisa.
- f. O barco foi feito com madeira e corda.
- g. O antivírus não foi usado apropriadamente.
- h. A maré alta foi bem aproveitada.
- i. Foram convocados os melhores jangadeiros para a competição.

A voz passiva é usada como recurso para enfatizar a **ação** ou o **fato** expressado na oração. Esse recurso fica evidente, quando se coloca em segundo plano o *ator* ou *quem* pratica a ação ou realiza o fato expressado na oração. Se reforça o que acontece – e não quem faz acontecer algo.

Ex: Uma jangada é feita com muitos gigabytes (passiva analítica)
Faz-se uma jangada com muitos gigabytes ou
Se faz uma jangada com muitos gigabytes (passiva sintética)

Veja-se que nesta oração não importa quem pratica a ação. Portanto, omitiu-se *quem* faz a jangada. Deste modo realça-se o fato de que a jangada é feita *com* muitos gigabytes, ou simplesmente o fato de que *uma jangada é feita*.

Importante: Na voz passiva com o pronome “se”, omite-se completamente o sujeito agente. Compare essas orações:

Faz-se / Se faz uma jangada com muitos gigabytes (passiva sintética na Qual se omite completamente o sujeito, i.e. o agente)

O computador faz uma jangada com muitos gigabytes. (voz ativa, o agente, computador, torna-se explícito)

Uma jangada é feita com muitos gigabytes. (passiva com **ser**, mas sem o agente. Com o agente, haveria ambiguidade porque “pelo” em lugar de “com muitos” poderia ser interpretado com “através do”).

Em português existem algumas maneiras de se omitir o sujeito de uma oração para que a ação (e não o sujeito/agente) seja valorizada. Como já vimos, a voz passiva é uma delas. Um outro recurso alternativo para a omissão ou *indeterminação do sujeito*, é usar o verbo no pretérito perfeito na terceira pessoa do plural.

Ex: Uma jangada é feita com muitos megabytes *ou*
 Se faz uma jangada com muitos megabytes *ou*

Fizeram uma jangada com muitos megabytes (Verbo na terceira pessoa do plural, omissão do sujeito na oração)

B - Nas orações do exercício anterior utilizou-se a **voz passiva** para dar ênfase ao *que* está sendo feito, omitindo-se, portanto *quem* faz. Em outras palavras, omite-se o sujeito (agente). Reescreva essas orações, usando o verbo

na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito para obter o mesmo recurso estilístico. Novamente, inicie as frases com o verbo.

Ex: Os camarões são pescados ao anoitecer.

Pescaram os camarões ao anoitecer

- a. Os camarões são vendidos rapidamente.
- b. Muitos negócios são feitos na internet.
- c. (Hoje em dia) muita coisa é comprada na internet.
- d. A internet é muito usada para fazer pesquisa.
- e. O barco foi feito com madeira e corda.
- f. O antivírus não foi usado apropriadamente.
- g. A maré alta foi bem aproveitada.
- h. Foram convocados os melhores jangadeiros para a competição.

Respostas (Cubra essas respostas abaixo, enquanto estiver fazendo os exercícios. Depois de terminar de trabalhar nos exercícios acima, compare suas respostas):

Exercício-1:

não-reflexivo direto: **me** jantar, **me** usa, **me** esgota, **Me** bota, **Me** deixa ser

não-reflexivo indireto: **me** (=em mim) há na alma

reflexivo direto: Foi-**se** a última nau, a minha alma atlântica **se** exalta

reflexivo indireto: ---

apassivador: não **se** contavam, **se** esperava

índice de indeterminação do sujeito: ---

Exercício-2: **A** - a. Pescam-se (os) camarões ao anoitecer / Se pescam (os) camarões ao anoitecer. b. Vendem-se os camarões rapidamente / Se vendem os camarões rapidamente. c. Fecham-se muito mais negócios graças à internet / Se fecham muito mais negócios graças à internet. d. Compra-se muita coisa na internet hoje em dia / Se compra muita coisa... e. Usa-se muito a internet para pesquisa / Se usa muito a Internet... f. Fez-se o barco com madeira e corda / Se fez o barco com madeira e corda. g. Não se usou o antivírus apropriadamente. h. Aproveitou-se bem a maré alta / Se aproveitou bem a maré alta. i. Convocaram-se os melhores jangadeiros para a competição / Se convocaram os melhores...

B - a. Venderam os camarões rapidamente. b. Fizeram muitos negócios na internet. c. Compraram muita coisa na internet. d. Usaram (muito) a internet para fazer pesquisa. e. Fizeram o barco com madeira e corda. f. Usaram o anti-vírus propriamente. g. Aproveitaram bem a maré alta. h. Convocaram os melhores jangadeiros para a competição.



5.5. Em sintonia com a língua – Prosódia: entonação (entoação), ritmo e acento

Dizer que em português há doze vogais e 23 consoantes é uma maneira de se dizer que em português há doze *segmentos* vocálicos e 23 *segmentos* consonânticos. Na língua portuguesa, assim como em outras línguas naturais, esses segmentos são *transmitidos* dentro de um *envelope acústico* de diferentes componentes que poderíamos chamar de *suprasegmentos* (ing. supra-segmentals). Os suprasegmentos incluem a entonação, o ritmo, o acento de palavra e o acento de oração. O termo **suprasegmentos**, surgido nos EUA, é o mesmo que **prosódia**., porém seu uso pressupõe a existência de componentes “sobrepostos”, “por cima” (supra) dos *segmentos* vocálicos e consonânticos. Neste curso vamos manter o nome tradicional **prosódia**, quando falarmos de entonação, ritmo e acento.

5.5.1 Entonação ou entoação

Toda língua tem sua “música” ou “melodia”. É importante conhecer a melodia das línguas que estudamos porque uma melodia equivocada pode resultar numa interpretação equivocada da nossa **atitude** ou mesmo mudar o sentido de uma oração.

Em português e inglês, a entonação ou entoação reflete de uma maneira geral a **atitude** da pessoa. Podemos considerar quatro tipos básicos de entonação oracional no português brasileiro que se combinam para formar outras variantes. Porém esses quatro tipos ou modelos básicos, são o suficiente como ponto de partida. A partir desses quatro modelos, podemos treinar-nos a observar como os falantes os mantêm ou combinam em outras possibilidades, dependendo da situação.

Aos contornos entonativos no final de unidades de som separadas por pausas chamaremos de **tonemas** e os representaremos com flechas descendentes, ascendentes, planas, e semi-ascendentes. Se poderia discutir outras características desses tonemas básicos, mas não é necessário para os propósitos deste curso. É importante saber que se pode estudar prosódia a partir desses quatro tonemas básicos. Nesta lição vamos estudá-los, mas o

estudante deveria a partir dessa informação básica, começar a prestar atenção ao que fazem os nativos em termos de prosódia. Se tem que estar consciente da importância da prosódia e começar a prestar atenção ao que fazem os falantes nativos dependendo do contexto, da atitude que expressam, consciente ou inconscientemente. Assim, temos os seguintes modelos entonativos seguidos de exemplos:

1. Enunciado declarativo: curva melódica descendente:

tonema /↓/

2. Pergunta de resposta *sim* ou *não* – curva melódica ascendente:

tonema /↑/

3. Pergunta de resposta mais informativa – curva melódica descendente:

tonema /↓/

4. Enunciado declarativo com várias unidades fonológicas, ou seja, enunciados declarativos enumerativos – curvas melódicas planas, semi-descendentes, semi-ascendentes e descendentes:

tonemas /→/ ou /↘/ dentro da sequência

tonema /↗/ na penúltima

tonema /↓/ na última.

1. Declarativa, descendente:

- Somos de **Vitória**. /↓/

2. Pergunta de resposta *sim* ou *não*, ascendente:

- Você é de **Vitória**? /↑/

- **Sim**. /↓/ (Esta resposta poderia ser respondida com “sim” ou “não”).

3. Pergunta de resposta mais informativa, descendente:

- E **ocê**? /↓/

- Eu sou do **Amapá**. /↓/ (A resposta aqui não poderia ser “sim” ou “não”).

4. Enunciados declarativos enumerativos:


- Eu sou **brasileiro**, /→/ ou /↘/ você também é **brasileiro**, /→/
ou /↘/ ela é **argentina**, /→/ ou /↘/ elas são **mexicanas**, /→/

ou /↘/ você é **chileno**, /→/ ou /↘/, etc. eles são **americanos** /↗/ e aqueles ali são **italianos**. /↓/

Em termos gerais, em português e nas línguas naturais, a **continuidade** do enunciado ou da ideia que expressamos é indicada por um tonema **semi-ascendente** e a **conclusão** com um **tonema descendente**.

Note que as palavras em negritas têm uma pausa logo em seguida. Essa pausa pode ser física, mas às vezes ela não existe fisicamente. Sabemos que é pausa pela mudança que se nota na entonação. Normalmente os tonemas aos quais temos que prestar atenção estão em palavras que aparecem antes de uma pausa, que pode ou não ser uma pausa representada por uma vírgula, ponto e vírgula, ponto final, exclamação, interrogação, ou seja, qualquer tipo de pausa. Sugerimos que além de familiarizar-se com os quatro modelos básicos de entonação, que também se habitue a prestar atenção aos tonemas que acompanham as palavras que marcam as pausas.

Na realidade, se examinamos tudo o que acontece com a entonação, a cada momento, poderíamos obter uma linha, um traço contínuo que refletiria todas as mudanças na cadeia fônica, em todos os seus detalhes. Essas mudanças refletiriam a trajetória daquilo que em fonética acústica conhecemos por frequência fundamental ou F_0 . Seria uma imagem ou traço de F_0 mais ou menos assim, dependendo do indivíduo:


Somos de **Vitória**.

Essa imagem pode ser muito útil, mas neste livro iremos focar nesses pontos chave que chamamos de **tonemas**., ou seja

- Somos de **Vitória**. /↓/

Com os modelos básicos apresentados temos informação suficiente para começarmos a prestar atenção ao que fazem os brasileiros em discurso natural, em lugar de trabalharmos com orações isoladas, num trabalho importante mas limitado, porque é mecânica. Temos que sair dos limites das orações e trabalhar com o discurso, em um contexto mais completo.

do lado do espanhol e outras do inglês. O português peninsular está bem afastado do espanhol, mais cerca do inglês. O ritmo pode gerar muita redução vocálica como vemos em inglês, no grande número de schwas presentes no discurso em inglês. Em Portugal, de maneira semelhante o ritmo leva a suprimir muitas vogais ou causa o surgimento de schwas, como já foi explicado neste curso.

Os poemas abaixo, de Robert Frost (1874-1963) ilustram o ritmo acentual do inglês. Note uma vez mais que o número de sílabas varia, mas o número de batidas ou pés silábicos é constante. Em negritas estão os acentos a nível de oração. Note que há tres acentos, ou batidas, a nível de oração e consequentemente há também três pés silábicos.

Nothing Gold can Stay

Náture's first gréen is góld, (6 sílabas)

Her hárddest húe to hóld. (6 sílabas)

Her éarly léaf's a flówer (7 sílabas)

But ónly só an hóur. (7 sílabas)

Then léaf subsídes to léaf. (6 sílabas)

So Éden sánk to gríef. (6 sílabas)

So dáwn góes dówn to dáy. (6 s sílabas)

Nóthing góld can stáy." (5 sílabas)

Isso não quer dizer que essas batidas são *perfeitamente* regulares. Há uma tendência muito grande que faz com que essas batidas se repitam em espaços bastante regulares na maioria das vezes, mas também pode não ser tão evidente em certas passagens do discurso. Há também variantes rítmicas entre as pessoas. Duas pessoas podem emitir a mesma oração de maneira ligeiramente diferente. De qualquer maneira, isso não muda a ideia por trás dessa recorrência de intervalos similares.

Outra explicação para o ritmo em português é a de que o nosso ritmo se baseia em uma alternância de sílabas fortes e fracas, contadas da direita para a esquerda, a partir da última sílaba acentuada de um grupo fonológico. Em outras palavras, se retomamos o exemplo acima, *Se o Tom Jobim tocar eu vou*, o último acento do grupo está em vou, uma sílaba forte. A partir desta sílaba, podemos prever como serão as outras se alternamos uma sílaba forte e uma fraca, da direita para a esquerda, tendo em conta os enlaces e omissões (acento agudo ´ = sílaba forte; acento grave ` = sílaba fraca):

Sè ò Tòm Jòbím tòcár èu vóu.

Esta é uma maneira bastante eficaz de explicar o ritmo no português brasileiro e em muitas outras línguas naturais. As palavras monossilábicas “pequenas” tais como algumas conjunções, alguns artigos, certas preposições, etc. são normalmente átonas, quer dizer sem acento falado. No caso da conjunção **se**, no exemplo acima, além de ser átona, também se une à vogal **o**, formando um ditongo, uma sílaba: “Se o” = [si^u] ou [sⁱu], dependendo da pessoa. Vejamos um exemplo curioso, no Brasil:

Jêsús, but Jêsús Crísto.
Óswáld, but Òsváldiàndrádè (Oswald de Andrade)

Por outro lado, sendo uma tendência, há contra-exemplos:

Joàquím e Joàquím Sôuza.

Para realmente se entender como aplicar esta explicação temos que nos distanciar da linguagem escrita, e aprender a ouvir corretamente o que ocorre na linguagem falada, onde parece haver uma “conspiração” para manter essa alternância de sílabas fortes e fracas ou débeis.

5.6. Compreensão auditiva



Gravação 🎵

EXERCÍCIO-1 ENTONAÇÃO: Escute um trecho gravado por um geólogo, professor da Univesidade de São Paulo, Benjamin Bley de B. Neves, sobre a seca nordestina. Esta mesma gravação, acompanhada por uma transcrição, volta a ser apresentada no bloco seguinte, Bloco VI.

Procure assinalar os tonemas (tipos de contornos entonativos) dessa gravação, somente nas palavras que aparecem antes de qualquer tipo de pausa, indicadas ou não por pontuações, i.e. vírgulas, pontos, etc.). Lembre-se de que os modelos que vemos neste e outros livros são modelos básicos que o falante poderá ou não modificar, surpreender-nos dependendo da situação, do objetivo que tenha, e outros fatores que operam nessas mudanças. Em geral, são mudanças que têm a ver com o ambiente (em frente a um microfone, etc.) ou atitudes pessoais.

Sublinhe as palavras antes de uma pausa e em seguida indique se o tonema de cada palavra é ascendente, /↑/, descendente, /↓/, semi-descendente /↘/, plano, /→/, ou semi-ascendente /↗/.

A seca nordestina

Professor Bley: Me proponho a falar algumas coisas sobre a seca e o problema da seca na região do Nordeste. Em primeiro lugar, o Nordeste do Brasil, chamado também província Borborema, fica situado no Extremo Nordeste da América do Sul. A falta de chuvas regulares no Nordeste resulta de três problemas complexos [...inaudível...] é...são alguns problemas conhecidos, um deles é determinado pela temperatura da água do Oceano Atlântico. Quando a água está mais fria do que o normal no Atlântico Sul e mais quente no Atlântico Norte, não ocorre o deslocamento da zona de convergência intertropical, ou seja, quando se dá o encontro das massas de ar ...hemisférios sul e norte que ficam um pouco ao norte do Equador e portanto um pouco ao norte do Nordeste. Seu deslocamento dessa zona de convergência deixa de ir para o sul, quando a água está mais fria e não chega ao Nordeste. Ahh.. outras coisas de chuvas que chegam no Nordeste são aquelas que vêm do polo sul. Elas entram pelo sul da América do Sul, atravessa(m) o Uruguai, atravessa(m) o Rio Grande do Sul, atravessa(m) os estados do sul do Brasil.



Gravação 🎵

EXERCÍCIO-2 RITMO E ACENTO: Leia o poema de Frost, “Dust of Snow”, e tente identificar as batidas ou acentos de frase, o número de pés silábicos e o número de sílabas.

Dust of Snow

The way a crow (____ sílabas)
 Shook down on me (____ sílabas)
 The dust of snow (____ sílabas)
 From a hemlock tree (____ sílabas)

Has given my heart (____ sílabas)
 A change of mood (____ sílabas)
 And saved some part (____ sílabas)
 Of a day I had rued. (____ sílabas)



Gravação 🎵

EXERCÍCIO-3 RITMO E ACENTO: Escute uma vez mais a mesma gravação acima, do Professor Bley. Note que as batidas rítmicas (os acentos de frase) existem, e que embora as sílabas se reduzam, não se reduzem tanto como em inglês. Procure também analisar a alternância de acentos fortes e débeis (ritmo), nesta mesma gravação.

A seca nordestina

Professor Bley: Me proponho a falar algumas coisas sobre a seca e o problema da seca na região do Nordeste. Em primeiro lugar, o Nordeste do Brasil, chamado também província Borborema, fica situado no Extremo Nordeste da América do Sul. A falta de chuvas regulares no Nordeste resulta de três problemas complexos [...inaudível...] é...são alguns problemas conhecidos, um deles é determinado pela temperatura da água do Oceano Atlântico. Quando a água está mais fria do que o normal no Atlântico Sul e mais quente no Atlântico Norte, não ocorre o deslocamento da zona de convergência intertropical, ou seja, quando se dá o encontro das massas de ar ...hemisférios sul e norte que ficam um pouco ao norte do Equador e portanto um pouco ao norte do Nordeste. Seu deslocamento dessa zona de convergência deixa de ir para o sul, quando a água está mais fria e não chega ao Nordeste. Ahh.. outras coisas de chuvas que chegam no Nordeste são aquelas que vêm do polo sul. Elas entram pelo sul da América do Sul, atravessa(m) o Uruguai, atravessa(m) o Rio Grande do Sul, atravessa(m) os estados do sul do Brasil.

Exercício-1

Professor Bley: Me proponho a falar algumas coisas sobre a seca e o problema da seca na região do Nordeste. Em primeiro lugar, o Nordeste do Brasil, chamado também província Borborema, fica situado no Extremo Nordeste da América do Sul. A falta de chuvas regulares no Nordeste resulta de três problemas complexos [...inaudível...] é...são alguns problemas conhecidos, um deles é determinado pela temperatura da água do Oceano Atlântico. Quando a água está mais fria do que o normal no Atlântico Sul e mais quente no Atlântico Norte, não ocorre o deslocamento da zona de convergência intertropical, ou seja, quando se dá o encontro das massas de ar ...hemisférios sul e norte que ficam um pouco ao norte do Equador e portanto um pouco ao norte do Nordeste. Seu deslocamento dessa zona de convergência deixa de ir para o sul, quando a água está mais fria e não chega ao Nordeste. Ahh.. outras coisas de chuvas que chegam no Nordeste são aquelas que vêm do polo sul. Elas entram pelo sul da América do Sul, atravessa(m) o Uruguai, atravessa(m) o Rio Grande do Sul, atravessa(m) os

estados do sul do Brasil.

Exercício-2: Todos os versos têm dois pés silábicos.

Dust of Snow

The wáy a crów (4 sílabas)

Shook dówm on mé (4 sílabas)

The dúst of snów (4 sílabas)

From a hémlock trée (5 sílabas)

Has gíven my héart (5 sílabas)

A chángé of móod (4 sílabas)

And sáved some párt (4 sílabas)

Of a dáy I had rúed. (6 sílabas)

Exercício-3: Para melhor compreensão do jogo entre tonemas e ritmo, repetimos os tonemas acima acompanhados dos acentos de palavras:



5.7. Produção oral

Procure discutir os temas que reaparecem na parte de redação como trabalho preliminar ao que se vai escrever. Aqui vão algumas sugestões:

1. As secas e o sertanejo.
2. O Brasil em 1808.
3. Procure na internet ou em outras fontes as músicas abaixo e desenvolva em prosa os temas em versos das letras dessas músicas:

O sal da terra – Beto Guedes

Proteção às borboletas – Benito de Paula

Caçador de mim – Milton Nascimento

Linda Juventude – 14 Bis

Todo mês de maio na maior – Guilherme Arantes



5.8. Produção escrita – Redação: Narração e correção de textos

No Bloco II fizemos narrações. Como as narrações são uma excelente oportunidade para escrever-se com criatividade, talvez seja uma boa

idéia voltar a escrevê-las. Se preciso, reveja o parágrafo sobre narração no Bloco II. Volte a pensar na situação da personagem das *Mil e Uma Noites*. Uma maneira de manter o interesse em sua narrativa é através de imagens.

As músicas que vimos até agora têm muitas imagens. Essas imagens mostram a criatividade de quem escreve. É sempre mais agradável ler uma poesia ou prosa quando há imagens. De uma maneira geral, a essas imagens são **metáforas**. Uma **metáfora**, se interpretada de uma maneira simples, é composta de duas partes, uma parte é o **teor** que é o significado que se vai ilustrar com a imagem, e a outra é o **veículo condutor**, ou seja a imagem que vai conectar-se ao teor. Vejam essas simples metáforas, que muitas vezes não passam de clichês, mas que servem como ilustração:

Esse menino é uma flor.
Carolina é uma rosa

As palavras **menino** e **Carolina** são os teores. Os veículos condutores são **flor** e **rosa**.

Porém se pode ser mais criativo com essas palavras. Não é fácil conseguir imagens originais, mas vale a pena exercitar-se em consegui-las. Vejam os versos abaixo, retirados de *As rosas não falam* (1976), de Cartola (1908-1980):

*Queixo-me às rosas
Mas que bobagem! As rosas não falam.
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti*

O teor é a amada (“ti”) que abandonou quem quer que seja “eu”, o narrador ou outra personagem, e o veículo condutor é a ideia do perfume que as rosas roubam da amada. Claro, raramente se consegue chegar a esse nível de criatividade, mas são imagens que servem para motivar-nos a buscar os mesmos efeitos.

Outra forma imagística, semelhante à metáfora, é a **analogia**. A analogia compara duas partes para realçar algum tipo de semelhança entre as duas. A analogia em geral conecta as duas partes com a preposição **como** e é bastante eficaz na explicação de um conceito novo ou complexo:

A voz reflexiva é como um espelho.

Pensar em uma imagem é realmente um excelente exercício, mas também é importante evitar imagens rebuscadas ou que não fazem sentido. Às vezes encontramos em jornais algumas matérias com metáforas que não fazem sentido. Nunca se sabe se o autor fez para causar humor ou simplesmente não se deu conta do ridículo. Vejam alguns exemplos divertidos:

Ferido no joelho, perdeu a cabeça.

A polícia e a justiça são as duas mãos de um mesmo braço.

No corredor do hospital psiquiátrico os doentes corriam como loucos.

As circunstâncias da morte do chefe de iluminação permanecem obscuras.

Um surdo-mudo foi morto por um mal-entendido.

Há muitos redatores que, para quem veio do nada, são muito fiéis às suas origens.

(Essas são algumas das frases selecionadas por Édson Athayde, e publicadas na edição de 30 de maio de 1999, no *Diário de Notícias*, em Portugal)

Redação

Sugestão de um trabalho preliminar à narração – Procure imaginar imagens simplesmente pelo prazer intelectual de lembrá-las ou criá-las. Quais são as imagens interessantes já lidas ou inventadas? Vejam como toda turma na sala de aula consegue produzir imagens interessantes de todos os tipos. Em seguida, passem ao trabalho de escritura mesmo da redação, do texto narrativo. Aqui vão algumas imagens que poderão ajudar a iniciar esse trabalho:

Imagens:

E a televisão, essa lareira / Queimando o dia inteiro a raiz que existe em mim (Geraldo Azevedo e Renato Rocha)

Não gosto de cama mole / Não sei comer sem torresmo (Gilberto Gil e Dominginhos)

O cachorro nos vigiava com um olhar de raio laser.

Para se contar mentiras e comer pescado é preciso muito cuidado.

A narração

Agora tente escrever uma narração em português que evite uma linguagem e imagens demasiadamente rebuscadas. Se houver dificuldades ou falta de inspiração na escolha de metáforas, escreva sem metáfora. Se pode inventar, por exemplo, uma narrativa para aquilo que você imaginaria que seria a vida de um sertanejo, o tipo de região em que vive, com as secas e as caatingas. Busque combinar com a narrativa dos eventos, das ações, uma descrição da região, da casa do sertanejo, dos objetos que talvez use ou qualquer outra idéia que lhe ocorra.

Outra possibilidade seria uma narrativa numa área urbana como o Rio de Janeiro, Vitória, Salvador ou outra de sua preferência. Imagine uma história de um malandro nesse contexto urbano que pode ser o contexto de hoje em dia ou o de épocas mais antigas.

Uma terceira possibilidade seria imaginar como teria sido um dos eventos de *A Campanha de Canudos*, a “Nova Jerusalém”, um movimento fundado por Antônio Conselheiro, **em 1893**, em que pregava o retorno à monarquia. Antônio Conselheiro criou uma comunidade religiosa composta de famílias pobres e desacreditadas vindas principalmente da Bahia. Recusavam a modernidade européia em favor da vida rural. Foram massacrados depois de quatro ataques das tropas governamentais, em 1897.

Antônio Conselheiro acreditava que D. Sebastião, rei português que morreu em 1578 durante a Batalha de Alcácer-Quibir, voltaria ressurgindo pelo mar. Essa campanha messiânica tinha entre 5 a 30 mil seguidores que acreditavam no extraordinário poder e milagres de Antônio Conselheiro.

Mãos à obra!

Correção de textos

Analise as passagens abaixo.

Amostra-1 – Nesta primeira amostra, reescreva-a com as correções necessárias. Este e-mail foi escrito por uma estudante de nível intermediário:

Gostaria perguntar sobre o viagem a Rio. Queria viajar de omnibus, de

Rio a Vitória. Dois amigas minhas viajaram como isso e disseram que não tem perigo e é muito mais barato, mais eu estou preocupada. Não sei si eu devesse reservar o voo o o ticket de omnibus.

Obrigado por todo. Jill

Amostra-2 – Esta amostra foi inventada, com o intento de reproduzir erros comuns que os brasileiros costumam atribuir a erros caipiras, mas que podem ser vistos simplesmente como erros de brasileiros de baixa ou sem nenhuma escolaridade.

Leia a narração. Em seguida, faça outra versão falada pensando em como uma pessoa de bom nível de escolaridade contaria essa estória em um registro mais cuidadoso. Às vezes será difícil representar exatamente a linguagem falada ou também haverá mais de uma possibilidade. O importante é conseguir retratar um tipo de registro aceito pelas camadas educadas da população brasileira em geral.

Para concluir, veja se é possível estabelecer-se uma **idéia central**.

Eu tenhaqui um causo pra contá procêis. Óia, ceis imagina que um dia, num aeroporto, os passagero tavam esperando pra embarcar e nisso aparece o co-piloto, diócliscuro e bengala tateando o chão. A muié que anunciava espricó que era o co-piloto, mais que era o mió que tinha na companhia, apesá de sê cego. Depois chega u otro, amparado por duas aeromoça. Aí a muié do arto-falante vortô a repiti que o piloto era cego mais muito bão no volante.

Depois convidô os passagero a embarcá e lá foi todo mundo oiando um pru otro, mei assim preocupado mais assim memo entrar. Aí vei a hora de decolá. O comandante avisô que o avião ia levantá voo e começô a corrê pela pista, cada veiz mais rápido. Todos os passagero se óiavam suando... Ai meu fi! Aí entonci a coisa começô a ficá preta praque o avião continuava a corrê rápido e pela janelinha eis via que a pista tavacabando. Meu Deus, minha nó! O pessoar num guentô. Todo mundo começô a gritá! Foi aí que o avião decolô bonitim e subiu que nem essas águia que a gente vê nus firmes de mocim. Foi também aí que na cabina do avião os piloto falarum pru otro: “-Si argum dia o pessoar num gritá, nós tamo robado”.

Sugestões para respostas:

Amostra-1 - Gostaria perguntar sobre a **viagem ao Rio**. Queria viajar de **ônibus**, do Rio a Vitória. **Dois** amigas minhas viajaram **assim e disseram** que não tem perigo e

é muito mais barato, **mas eu** estou preocupada. Não sei **se eu deveria/devo** reservar o **vôo** e a **passagem** de **ônibus**.

Obrigada por tudo. Jill

Amostra-2 – Versão falada: Tenho uma estória/história para lhes contar. Vejam só, imaginem que um dia, num aeroporto, os passageiros estavam esperando para embarcar e aparece o co-piloto, de óculos escuros e bengala tateando o chão. A mulher/atendente explicou pelo microfone que se tratava do co-piloto, mas que apesar de ser cego, era o melhor co-piloto da companhia. Logo depois chega o outro, amparado por duas aeromoças. Uma vez mais, a atendente explicou (“voltou a repetir”) que o piloto também era cego, mas que era um excelente piloto.

Em seguida, a atendente convidou os passageiros a embarcar/embarcarem e todos começaram a embarcar, cada vez mais olhando-se preocupados à medida em que caminhavam para dentro do avião. Veio a hora de decolar/partir. O comandante avisou que o avião iria/ia levantar vôo e o avião começou a correr pela pista, cada vez mais rápido. Todos os passageiros se olhavam, suando... Aí, meu filho, nesse momento tudo começou a se complicar porque o avião continuava a avançar velozmente e pela janelinha do avião eles viam que a pista estava acabando. Meu Deus! Minha Nossa! Ninguém aguentou. Todo mundo começou a gritar! Foi nesse momento que o avião decolou suavemente e subiu como essas águias que a gente vê nos filmes de cowboy. Foi também nesse momento que, na cabine¹ do avião, os pilotos falaram um para o outro: “-Se algum dia o pessoal não gritar, nós estamos roubados”.

¹ *Cabina* está correta e se alterna com *cabine*. Os puristas consideram *cabine* um galicismo.

[Place here back cover]